



Jovens universitários e cultura digital¹

Maria Aparecida Campos MAMEDE-NEVES²

Flavia Nizia da Fonseca RIBEIRO³

Stella Maria Peixoto de Azevedo PEDROSA⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

A Internet é um fato na vida cotidiana das pessoas. No presente artigo, o foco é o jovem universitário, que independentemente de classe social e contrariamente ao senso comum, vive esta realidade de maneira dinâmica e natural, mesmo que ainda não sejam considerados os nativos legítimos, se utiliza da capacidade convergente da nova mídia e, de certa maneira, vivencia uma nova cultura de consumo midiático.

PALAVRAS-CHAVE: jovens universitários; Internet; TV, jornal impresso, convergência de mídias.

O presente trabalho representa um recorte dos resultados e das discussões geradas em uma ampla pesquisa institucional *Jovens em Rede* que é, na verdade, parte de uma série de estudos investigativos sobre a juventude e os meios de comunicação. Os dados de duas pesquisas anteriores *O Jovem e o jornal impresso* e *O Jovem e a TV* foram o seu ponto de partida, na medida em que, através delas, foi constatada forte relação entre o material veiculado por esses meios de comunicação e a construção do conjunto de valores e problemas apontados pelo grupo estudado – jovens urbanos. Além disso, naquela época, também ficou comprovado que, para o jovem de hoje, há uma outra forma de processo midiático, que avança para além do jornal impresso e da televisão: a Internet. O ator de nossas pesquisas elege a Internet como o espaço privilegiado de construção de seu conhecimento, de possibilidade de encontro, de comunicação e de lazer, pelas múltiplas possibilidades que oferece. Barthes (1964, p.38-41) diz que, na relação recíproca entre texto e imagem, a relação de *relais*, “o texto e a imagem se encontram numa relação complementar. As palavras, assim como as imagens, são

¹ Trabalho apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Prof. Titular do Departamento de Educação e coordenadora do grupo de pesquisa Jovens em Rede (JER) da PUC-Rio, email: apmamede@gmail.com.

³ Mestre em Design, Doutora em Educação e pesquisadora do JER da PUC-Rio, email: flavianizia@gmail.com

⁴ Doutora em Educação e pesquisadora do JER da PUC-Rio, email: smpedrosa@gmail.com.



fragmentos de um sintagma mais geral e a unidade da mensagem se realiza em um nível mais avançado.”

Foi por esse caminho que chegamos ao desenvolvimento da pesquisa *Jovens em Rede*, analisando as condições, o uso e as representações que eles, na época do trabalho, 2006-2007, tinham da Internet e, por conseqüência, do computador, já que este artefato é o que mais comumente possibilita o acesso à *web*.

Trabalhamos com jovens recém chegados à universidade, coletando as suas opiniões durante o processo de matrícula dos alunos (mais de 1500) do primeiro período de graduação da PUC-Rio para o ano letivo de 2006. O fato de termos elegido esse tipo de população se deu porque, como já dissemos, ela já era objeto de nossas pesquisas anteriores; o termos restringido o grupo a alunos matriculados nos cursos de graduação somente para o primeiro semestre do ano letivo teve como objetivo poder coletar dados que refletiam os hábitos de uso da Internet antes do seu ingresso na cultura universitária. Ou seja, este contingente estaria ainda sem a influência mais efetiva da cultura cibernética que é corrente dentro da PUC-Rio, uma vez que essa universidade disponibiliza para todos seus alunos endereços eletrônicos pessoais e oferece espaços computacionais, facilitando e incentivando a interação na cibercultura.

A resposta ao questionário era voluntária; sendo assim, este estudo de caráter exploratório contou com a resposta de 998 (novecentos e noventa e oito) alunos, incluindo neste contingente também aqueles que ingressaram pelo PROUNI (Programa Universidade para Todos), programa do governo federal que tem como finalidade a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e seqüenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior. Após este processo de coleta, os questionários incompletos foram retirados, restando 965 (novecentos e sessenta e cinco) questionários considerados válidos. Desse modo, a pesquisa ouviu um grupo composto de 51% de mulheres e 49% de homens, com idade entre 17 a 19 anos, que pode ser dividido em dois tipos: com entrada pelo vestibular tradicional ou pelo ENEM (chamado daqui para frente de GRUPO A) e pelo PROUNI. Interessante notar que, quando analisado separadamente, o grupo PROUNI se situava predominantemente dentro desta faixa etária, o que contradiz a hipótese do senso comum que os jovens de classe menos favorecida ingressam mais tarde na universidade.

Antes de mais nada, é bom pontuarmos que todos os 965 jovens que, já comprovamos, provêm dos mais diversos bairros do Rio de Janeiro, com diferenças significativas de classe, declararam saber usar o computador, sendo que o GRUPO A o



faz há mais de 6 anos e o PROUNI, entre 5 e 4 anos, diferenças essas provavelmente devidas a condições financeiras dos dois grupos. Mas, o que importa é que, no momento da entrada na universidade, o analfabetismo digital, que tantas vezes parece ser inerente às classes com menos possibilidades de capital financeiro ou cultural, não foi constatado por nós na pesquisa *Jovens em Rede*. Com a idade predominante de 17 a 19 anos, todos nasceram junto com o surgimento da Internet comercial, com a difusão do uso do computador, dos vídeos-game. Enfim, se não podemos considerá-los totalmente nativos dessa era, também não podem ser considerados totalmente imigrantes, como certamente ainda são seus professores.

Em relação ao que os jovens fazem em seu tempo livre, constatamos que, no GRUPO A, entre rádio, livros, revista, televisão, computador, 46,3% preferem o computador, seguidos de 25% que vêem televisão. Interessante notar que a televisão, mídia considerada de massa, talvez a mais popular na nossa sociedade, ainda que tenha tido uma considerável expressão nas respostas, ficou aquém do computador. Acreditamos que, com o avanço tecnológico cada vez mais veloz, os computadores vêm, a cada dia que passa, ampliada a sua capacidade hipermediática, ou seja, as possibilidades se abrem a cada clique, a diversidade de recursos vem se proliferando e pode se dizer que atividades que outrora ficavam restritas a televisão, hoje se tornam muito mais atraentes no computador como, por exemplo, assistir filmes, videocliques, navegar na Internet, etc.. Esta naturalização do computador, bem como a convergência de mídias conseqüentes da Internet, faz com que as possibilidades se multipliquem consideravelmente.

No grupo PROUNI predomina, no tempo livre dos jovens, o uso da televisão com 43% e, em segundo lugar, aparece o computador com 18%. Foi interessante relacionar estes dados com a questão sobre ter ou não computador em casa. De fato, no GRUPO A, 97% possuem computador em casa, enquanto que, no grupo PROUNI, apenas 64% o possuem. Assim sendo, provavelmente esses jovens assistem mais televisão, por não ter ainda computador e Internet em sua moradia. Aliás, a condição de não ter computador em casa no grupo PROUNI primeiramente ficou camuflada no item ‘omissão de resposta’ e, somente pelo cruzamento de outras informações, como, por exemplo, ‘de onde o jovem acessava a Internet’, foi possível constatar essa não existência do computador. Mas, como veremos mais adiante, esta impossibilidade de ter um computador não impedia o jovem do PROUNI de navegar na Internet, ter endereço eletrônico, participar de sítios sociais, como o Orkut, ter seu próprio diário virtual (blogs



e fotologs), utilizar programas de mensagem instantânea, como o *MSN* e *Skype*, ou ainda procurar informações em sítios de busca, em igual proporção que os alunos que compunham o grupo A.

Por isso, visto na sua totalidade, 98% navegam na Internet, diariamente ou pelo menos 2 a 3 vezes por semana, logicamente estando nesse contingente mesmo aqueles que não têm computador em suas casas. Isso demonstra haver uma grande facilidade de acesso à Internet fora de casa. E qual seria então a forma de acessar mais comum no grupo PROUNI? Da casa de amigos, da escola, do trabalho e em espaços como os cibercafés e as *lan houses*, hoje muito mais disseminadas nas comunidades de baixa renda que nos espaços urbanos mais privilegiados.

Isto posto, podemos dizer que este consumo de mídia do jovem não é simplesmente diversificado, podemos apontar uma nova cultura em formação, uma cultura aonde a convergência midiática vem transformando o modo de viver a informação e a comunicação como bem aponta Morcellini:

O fenômeno que se vai delineando é constituído da explosão de necessidades culturais e comunicativas sempre mais articuladas em um quando onde – do ponto de vista do consumo - parece impor-se mais a uma lógica de integração entre mídias e gêneros comunicativos do que ao antagonismo competitivo do passado. O resto, mesmo do ponto de vista da oferta, as lógicas predominantes hoje no mercado se endereçam cada vez mais a produtos culturais com declinações multimidiáticas. (Morcellini, 2005, p. 45 apud Rivoltella, 2006.) [tradução livre]

Do mesmo modo que, no seu tempo livre, seu tempo lúdico, a maioria dos jovens ouvidos prefere o computador, também é verdadeiro que o faz para o consumo de informações, o que reforça a idéia da naturalização da conexão do computador, já que para obter informações ela é indispensável. Outros meios expressivamente citados foram a televisão e o jornal impresso. Conforme já foi verificado pelo grupo de pesquisadores quando da pesquisa *Jovem Jornal*, a tradicionalidade desses meios trazia legitimação à informação, ainda que os mesmos pudessem, na maioria das vezes, ser acessados na *web*.

... analisando qualitativamente e de forma conjunta os valores e problemas nomeados por esses jovens, vimos que, dentre as mídias de massa, o universitário ainda toma o jornal impresso como o mais confiável, embora fazendo sempre uma ponte com o jornal televisivo e, em alguns casos, com o jornal *on line*. (Mamede-Neves, Costa e Pedrosa, 2007)

Corroborando com a idéia de que os jovens estão cada vez mais em busca de meios hipermediáticos, convergentes, que aglutinem outras mídias, já que eles não colocam a Internet no lugar de nenhuma delas, verificamos que eles convivem com ela de maneira integrada e, muitas vezes, ela representa simplesmente mais uma amplificação ou continuação de outras experiências vividas fora do âmbito virtual, como bem mostram os gráficos abaixo.

gráfico 1 – quantidade de televisão que assiste desde que começou a ter Internet em casa

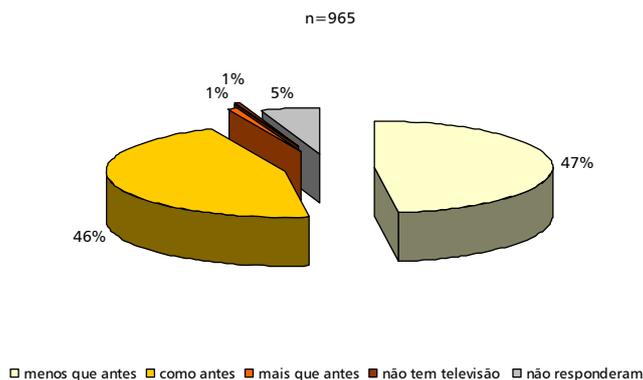


gráfico 2 – quantidade de leitura desde que começou a ter Internet em casa

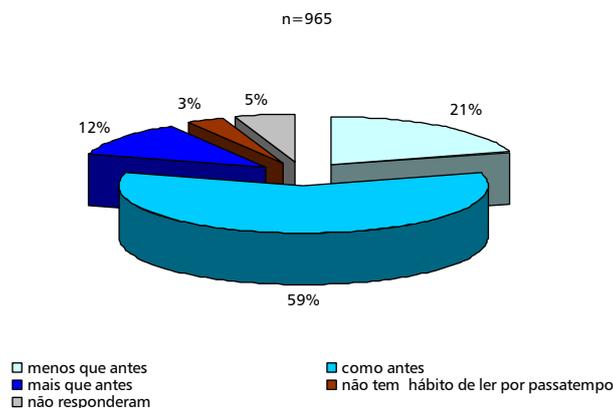
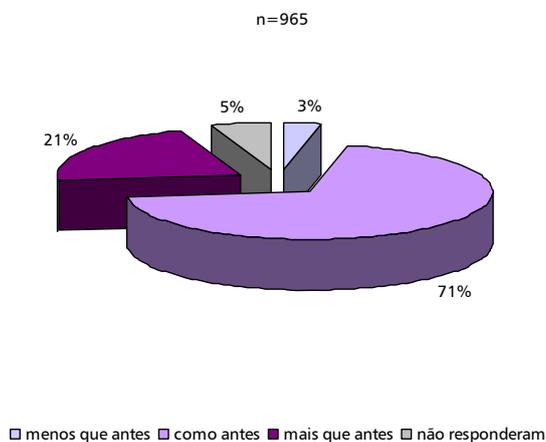


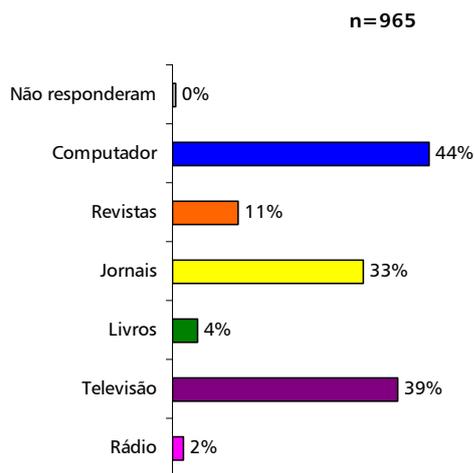
gráfico 3 – quantidade de vezes que sai com os amigos desde que começou a ter Internet em casa



Os adolescentes da pesquisa integram as novas mídias na programação da sua jornada sem exageros (*Posso viver tranquilamente sem Internet*); mais do que do que ficarem sentados na frente da tela do computador, preferem sair e encontrar os amigos (*É melhor sair, jogar futebol de verdade do que jogar Playstation*); as mídias de usos pessoal lhes interessam, na medida em que consentem prolongar as relações reais para além dos limites de espaço e tempo e de trazer vantagem das suas potencialidades intrínsecas. Este resultado, quando comparado ao de outras pesquisas internacionais como, por exemplo, a que realizou Rivoltella (2006), mostra com elas uma consonância impressionante, até pelas justificativas semelhantes que dão a esta questão.

A consolidação das mídias tradicionais como fontes confiáveis de informação e o desempenho significativo da Internet nesse grupo podem ser notados no seguinte gráfico:

gráfico 4 – meio de comunicação mais usado para se manter informado



Chamamos a atenção para dois pontos nesta distribuição acima: Computador (que na verdade está representando a Internet), Televisão e Jornais apresentam percentuais muito próximos. Ora, isso nos lembra que, na pesquisa *Jovem Jornal*, ficou ratificada a idéia de que a mídia é vista pelos jovens como elemento de influência na problematização moral e apontaram uma forte articulação entre as temáticas veiculadas no jornal impresso e os valores e problemas vistos pelos universitários como sendo as malhas do campo de problematização da juventude atual.

Apesar de não lerem continuamente o jornal, mas o fazendo quase como que zapeando, creditavam ao jornal impresso um grau de idoneidade, o que estão concordes com Caldas (2003), quando aponta a importância dessa mídia, como fonte abalizada e



confiável, sempre que dizemos “saiu no jornal”. Esta posição fica muito bem exemplificada pela fala desse jovem:

Eu não leio o jornal todo, eu dou uma folheada, porque é antes de eu vir para a PUC. Eu não consigo sair de casa sem dar uma olhada... eu preciso saber pelo menos o que está acontecendo, porque eu saio muito cedo e só chego à noite, então eu dou uma folheada, vejo as notícias mais importantes, o que me interessa, o que eu acho que é importante, porque talvez o que seja importante para mim não seja para a outra pessoa e leio a matéria da capa, 2º caderno, Esportes. (Grupo focal realizado no curso de Pedagogia PUC-Rio na ocasião da pesquisa *Jovem e o jornal*, 2004)

Na verdade, eles consideravam a posse da notícia também e principalmente pelo jornal da TV, completavam o conhecimento dos fatos indo ao jornal *on line*, problematizando as notícias nas rodas de amigos, colegas ou entre familiares. Este fato foi corroborado na pesquisa *Jovens em Rede*.

Em vista do alcance global instantâneo dos novos meios de visão e som, até mesmo o jornal é vagaroso ...do ponto de vista do formato, a imprensa (jornalística), como um corte transversal diário do globo, constitui um espelho dos instrumentos tecnológicos de comunicação. É o livro popular diário. O grande poema coletivo, a diversão universal de nossa era. (MC LUHAN., M., 2000:155)

Deixando de promulgar a primazia do jornal impresso, o jovem migra para o jornal *on line* e para a Internet, porque esse espaço traz as informações dentro de um novo formato em que imagem, som e movimento são elementos fundamentais. E mais, a empiria daquela pesquisa demonstrou que a possível influência de determinada notícia, chegada ao jovem através do jornal impresso ou de qualquer outra mídia, está sempre filtrada por um juízo de valor que se constrói em função de sua inserção na sociedade, isto é, segundo o que tange a sua situação pessoal e ao seu grau de interesse, forjados em função do entorno em que vive, ou seja, do seu contexto. Fato que foi comprovado também nos grupos focais realizados na pesquisa *Jovens em Rede*

Os dados coletados mostraram, do mesmo modo, que o conceito de contexto não podia ser expresso em termos apenas de uma demarcação geográfica e que também não podia ficar restrito ao universo escolar, ignorando a continuidade do processo educativo que se estabelece, intencionalmente ou não, em inúmeras relações presentes em outros espaços, entre os quais, o espaço midiático.

O processo formativo ocorre através de inúmeras práticas que se dão entre a

continuidade e a descontinuidade, a previsibilidade e a aleatoriedade, a homogeneidade e a heterogeneidade; ou seja, no próprio movimento da vida e da práxis social em conjunto com mecanismos e ritos formalizados e concebidos para gerar aprendizagens, vivemos quotidianamente situações que não foram intencionadas para serem educativas, mas que, efetivamente, geram efeitos educativos. (Carrano, 2003:16)

Essa interpretação nos parece viável, quando analisamos as respostas dadas pelos jovens sobre a preferência de estudo de um assunto em versões diferentes. Mas, ficamos surpresos ao verificar que 28% consideravam, como melhor suporte, o livro didático tradicional, preferência essa seguida bem perto pela escolha do livro didático fortemente ilustrado e de sítios da Internet (25%).

Distribuindo o número total de universitários consultados pelos Centros Acadêmicos da PUC-Rio, observamos que, no Centro de Ciências Sociais, há a predominância do “Livro didático tradicional” como opção para estudar um mesmo assunto em versões diferentes (35%), seguido do “sítio da internet” com 30%; as opções “Livro didático tradicional”, “livro didático fortemente ilustrado” e o “sítio da Internet” aparecem praticamente empatados no Centro de Ciências Humanas em torno de 25%. Finalmente, no Centro Tecnológico, o que predomina é o “sítio da internet” (35%), mas acompanhado de perto pelo uso do “livro didático tradicional” (28%). Essa ligeira predominância da Internet sobre o livro didático nesse Centro talvez possa sugerir o uso mais constante do computador pelos jovens que se encaminham para as áreas chamadas das ‘ciências exatas’. Mas, não tivemos elementos para averiguar se esta suposição tem fundamento. Como contraponto a essa possibilidade aventada, está o fato de, quando focalizamos separadamente o grupo PROUNI, que na verdade se distribui por todas as áreas da graduação, o mais escolhido foi o “sítio da internet” (29%), seguido do “livro didático acompanhado de áudio” (23 %).

Não estava dentro das nossas expectativas pensar que os livros didáticos tradicionais teriam pontuação alta como melhor suporte para o estudo, já que, salvo raras exceções, na maioria das vezes, ficam longe de ter algum apelo lúdico, visual ou internacional tão desejado pelos estudantes. Os projetos desses livros são voltados para o conteúdo, deixando, quase sempre, outros aspectos em segundo plano, como, por exemplo, editoração, projeto gráfico, ilustração e adequação de linguagem. A resposta a esta nossa indagação pode estar nos próprios dados oferecidos pelo grupo estudado que, em sua total maioria, demonstrou uma grande sacralização do livro, atribuído-lhe “*a possibilidade de aumentar conhecimento; sabedoria ativa; chato mas necessário;*



essenciais; o 3º travesseiro; jamais devem ser esquecidos; seriedade; melhor fonte de conhecimento; fonte de cultura, etc.

Ninguém aventou a possibilidade do livro ser negativo, pouco educativo ou prejudicial. Já a televisão teve uma esmagante maioria que a considerava massificante, alienadora, nada construtiva, o que também demonstra o mesmo preconceito (só que neste caso, negativo) que a aura do livro. Ambas as posições são maniqueístas e podem ser pontos importantes para se pensar em como perdura em nosso contexto essa dicotomia.

Também foi interessante notar que estudar em material fotocopiado só é desejado apenas por 3 a 4 % dos jovens. A imensa maioria rechaça esta possibilidade. Pensamos que este resultado é muito significativo, na medida em que vai de encontro ao costume muito difundido de se recomendar apostilas ou cópias de livros, tanto no terceiro ano do ensino médio e nos cursos pré-vestibulares como no próprio ensino universitário.

É importante se constatar que o conhecimento do manejo do computador e da navegação na Internet, não se faz pelo menos entre os nossos informantes, de modo formal.

Mais da metade do grupo aprendeu sozinho e 20% aprenderam com amigos. A opção de ter realizado curso específico é inexpressiva, o que reforça um pouco a idéia de que a era do computador e da Internet se assenta ou na exploração do novo sem receios ou na possibilidade de poder contar com amigos que sabem. Logo, o aprender a lidar com essa mídia também faz parte do amplo espectro de socialização que ela proporciona e que estes jovens apontam como uma das utilidades mais importantes. O grupo PROUNI teve um perfil bem singular a esse quesito. Apresentou o maior índice quanto à aprendizagem colaborativa (21%); a opção de ter aprendido na escola foi apontada por 17%, e 12% aprenderam na escola de ensino médio. É importante que outras pesquisas possam explorar essas diferenças aqui apenas apontadas, principalmente porque sabemos que as diretrizes governamentais tendem hoje a oferecer às escolas públicas maior qualidade na implantação dos espaços digitais.

Mais da metade de todos os jovens ouvidos demonstrava ter uma atitude de curiosidade diante do computador, afirmando que a tecnologia os atrai. Também nos foi possível constatar que a posição de ‘forte expectativa’, vinculada à idéia de que “o uso do computador resolve a maioria dos problemas”, é a segunda mais freqüente no total dos alunos ouvidos, demonstrando uma valorização prévia desses jovens em relação à eficiência desta tecnologia na realização nas mais variadas atividades de sua



experiência cotidiana: lazer, pesquisa, estudo, informação. Pessimismo quanto à capacidade de vir a saber manejar esse artefato e uso apenas porque, na sociedade atual, ‘não há outra saída’, não estão presentes nas lembranças desses jovens, seja do GRUPO A ou do PROUNI

Os serviços que os jovens disseram usar com mais regularidade se referem a contatos e comunicação, como *Orkut*, *MSN*, principalmente, e sítios de busca, sendo o *Google* o mais citado. Desse modo, fica mais uma vez confirmado que o computador é uma tecnologia bastante presente no cotidiano desses jovens.

Logicamente, quando perguntados sobre qual era o uso predominante que faziam do computador, a opção ‘frequentemente’ foi a mais apontada. Estes dados revelam que os jovens universitários, de um modo geral, demonstram considerar o computador como uma tecnologia da informação com grande potencial de auxiliá-los nas tarefas vinculadas ao estudo, à pesquisa e ao trabalho. Mais uma vez, a distribuição nesse item do grupo PROUNI foi um tanto diferente do GRUPO A; aparece aqui o fato de que 25% usam o computador raramente e 4% nunca usaram. Pela nossa experiência advinda de toda esta investigação, podemos dizer que estas respostas se enquadram perfeitamente na questão das diferenças de poder aquisitivo e na falta de oportunidades que a classe menos favorecida enfrenta sempre.

O nosso jovem ouvido tem bastante claro quanto às condições ideais para a compreensão do conteúdo de um de um sítio: a possibilidade de navegação em rede, o contraste entre o fundo e texto. Chamou-nos a atenção que o som não é nada importante para esses jovens. A partir desse dado, podemos levantar algumas hipóteses: os jovens em geral ouvem músicas (CDs, MP3, *MP3 players* e etc.) enquanto navegam e também porque estamos na era das imagens e o som não se mostra com tanta importância. Mas não temos evidências de que essas conjecturas são verdadeiras e, assim, nos cabe apenas apontá-las.

Ilustrações (desenhos, figuras ou fotos) foram apontadas por 70% dos jovens como sendo essenciais num sítio; tamanho da fonte, esquemas gráficos foram considerados significativos por cerca de 40% e quantidade de cores e animação não teve uma pontuação alta. (2 e 1 numa escala de 1 a 4). Podemos aqui também levantar outra hipótese: será porque o “atrativo” não pode estar relacionado a elementos que gerem melhor compreensão, maior possibilidade de aprendizagem? A favor desta hipótese relembramos que, desses jovens, um número bastante elevado de estudantes demonstrou preferir um livro didático tradicional para estudar. Fica a dúvida...



De tudo que se apurou nesta pesquisa vimos que uma porcentagem bastante alta afirma que costuma falar ao telefone e que, frequentemente, ouve música enquanto está navegando na Internet. Esses dados talvez sejam mais um elemento para se entender porque os estudantes não consideram importante o som para a compreensão do conteúdo de um sítio. Fazer várias coisas ao mesmo tempo, ou seja, diferentes tarefas, parece ser a marca da juventude de hoje, mas, nem tudo é bem vindo: eles não gostam, por exemplo, do aparecimento de mensagens publicitárias em suas navegações.

Perguntados se esperavam que a universidade lhes oferecesse melhores condições do uso das tecnologias de informação, inclusive nas aulas, a resposta quase unânime de todos foi a de sim, o que reforça a idéia de que esse jovem certamente, durante o curso, vai mudar sua concepção de que somente o livro didático é o melhor suporte para a aprendizagem, para a concepção quanto á validade da incorporação dos meios midiáticos.

Logo, temos, mais uma vez, a confirmação de que o jovem urbano que chega à universidade, não importa a sua procedência, já traz em sua bagagem o saber escolher criticamente o que lhes é oferecido.

FECHANDO IDÉIAS

Assim como a cultura manuscrita foi sobreposta pela imprensa, podemos ver hoje uma nova cultura de informação, mais abrangente, com fronteiras muito mais flexíveis que chega igualmente a crianças, jovens, adultos e velhos. Se muitos dizem que hoje se vive no afogamento caótico em dados e no fogo cruzado das imagens, e se este ‘caos’ atinge a todos nós, talvez por isso, muitas vezes, nós, adultos e mais marcados, pensamos em recuar... E é aí que a juventude, pela sua própria constituição, parece não se prender a esse medo e parece ser ela aquela que vai poder ajudar os adultos a se apropriarem dessa nova forma de comunicação e de construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. *Essais critiques*. Paris: du Seuil, 1964. p.38-41.

CALDAS, Álvaro (org.,) *Deu no Jornal: o jornalismo impresso na era da Internet*. Rio de Janeiro: PUC/Loyola, 2002.



CARRANO, Paulo César Rodrigues. (2003) *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis, Vozes.

MC LUHAN, Marshall. **Visão, som e fúria** In: LIMA L.C. *Teoria da Cultura de Massa*, São Paulo: Paz e terra, 2000. p.155.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida Campos; COSTA, Ana Valéria Figueiredo e PEDROSA, Stella Maria Peixoto de Azevedo. **Jovem Jornal: ecos de uma pesquisa**. Rio de Janeiro: T.Mais.Oito, 2007.

MORCELLINI, Mario (org.). **Il medioevo italiano. Industria culturale, tv e tecnologie tra XX e XXI secolo**. Roma: Caroci, p. 45, 2005. Apud RIVOLTELLA, Pier Cesare (org.). **Screen generation** – gli adolescenti e le prospettive nell'educazione nell'età de media digitali. Milano: Vita & Pensiero, 2006.

RIVOLTELLA, Pier Cesare (org.). **Screen generation** – gli adolescenti e le prospettive nell'educazione nell'età de media digitali. Milano: Vita & Pensiero, 2006.